



## **ALUNOS SURDOS E OUVINTES NA MESMA SALA: QUAIS AS PRÁTICAS METODOLÓGICAS UTILIZADAS?**

<sup>1</sup>Anderson Francisco Vitorino  
[Andersonvitorino3@gmail.com](mailto:Andersonvitorino3@gmail.com)

<sup>2</sup>Maria Dolores Fortes Alves  
[mdfortes@gmail.com](mailto:mdfortes@gmail.com)

<sup>3</sup>Valdívia de Souza Duarte  
[valdiviaduarte@hotmail.com](mailto:valdiviaduarte@hotmail.com)

Eixo: Educação Inclusiva

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo verificar as práticas metodológicas dos professores de sala de aula comum com alunos surdos e ouvintes na instituição de ensino. Neste sentido, procuramos investigar a problemática de como acontece o processo metodológico, escrita e leitura, alfabetização e avaliação das crianças surdas numa escola da rede regular de ensino, no município de Arapiraca-AL, que adota a política da inclusão em contexto bilíngue – Libras/Português. Nesse sentido, utilizamos a metodologia qualitativa com base em procedimento do estudo de caso. Para tal, os instrumentos metodológicos utilizados foram: relatos dos docentes, diário de campo, entrevistas previamente semi estruturada e observação das aulas do professor de sala de aula comum. Dessa forma, podemos constatar que a problemática educacional, na maioria das vezes, culmina com as práticas pedagógicas em que estão relacionadas as práticas pedagógicas aplicadas pelos docentes. Que nesse sentido, possivelmente, deve comprometer o aprendizado dos alunos surdos nas escolas de contexto bilíngue – Libras/Português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Bilíngue. Práticas Metodológicas. Surdo.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas. Mestre em Educação UFS – Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Deficiência Mental e Auditiva; licenciado em Letras Libras pela UFSC; membro do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva - NÚPITA (UFS). Endereço: Maceió-AL, Brasil. E-mail: [andersonvitorino3@gmail.com](mailto:andersonvitorino3@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas. Mestrado e Doutorado em Educação. Líder do Grupo de Pesquisadora - PAII (Práticas de Aprendizagem Integradoras e Inovadoras da UFAL, certificado pelo CNPq (dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8345567266334868); Membro titular da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Universidade Federal de Alagoas. Email: [mdfortes@gmail.com](mailto:mdfortes@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora da Escola Estadual Professora Gilvana Ataíde Cavalcante Cabral – SEDUC; Especialista em História do Brasil; licenciada em História pela UFAL. Graduanda de Pedagogia – UNINTER. Estudante de Mestrado em Educação - UFAL. Participo do Grupo de Pesquisa de Aprendizagem Integradoras e Inovadoras. Endereço: Maceió-AL, Brasil. E-mail: [valdiviaduarte@hotmail.com](mailto:valdiviaduarte@hotmail.com)

## **1 INTRODUÇÃO**

Ao adentrar no universo das práticas metodológicas voltadas para os surdos em contexto bilíngue, devemos tomar conhecimento que não há uma única metodologia caracterizada como a certa ou a errada. O estudo foi realizado numa escola inclusiva no município de Arapiraca-AL, que adota a política da inclusão em sala de aula regular com surdos e ouvintes. Nessa pesquisa, alguns docentes relataram que utilizou a Metodologia do Concreto. A respeito disso, informamos que “o material concreto é fundamental para o ensino experimental, uma vez que facilita a observação, análise, desenvolve o raciocínio lógico e crítico, sendo excelente para auxiliar o aluno na construção dos seus conhecimentos” (TIRRIONI; PEREZ, 2006, p. 61).

Diante das pesquisas históricas levantadas, entendemos que as metodologias adotadas pelo professor de sala de aula comum em época contemporânea, possivelmente já foram utilizadas como fonte de instrução aos alunos integrados do INES - Instituto Nacional dos Surdos, que se localiza no Rio de Janeiro, cujo marco temporal, 1875 a 1896.

Na realização da pesquisa podemos notar que a aprendizagem do aluno surdo perpassa por fundamentos de disciplinas, que atravancam uma notável ideologia de egresso do aluno, numa projeção de construção de conhecimento para composição de conteúdo. Neste contexto, o aluno surdo, processa uma elaboração de conhecimento contínuo, em que torna notáveis marcas de experiências vivenciadas na escola, afirmam, Dorziat; Fernandes; Lodi (2012).

## **2 - DESENVOLVIMENTO**

### **Metodologia**

Na pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa. Para, Oliveira (2007), a expressão abordagem qualitativa, pode ser considerada dentre outros conceitos, um processo metodológico que contempla e analisa o objeto em contexto subjetivo,

histórico e estrutural. Destarte, utilizaremos o procedimento metodológico do estudo de caso.

Os instrumentos metodológicos utilizados foram a observação, a entrevista com perguntas elaboradas do tipo semi-estruturada/aberta e o diário de campo. Assim, as informações consistem na observação que, “É uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p.76). E, no tocante a entrevista os autores “tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre um determinado assunto ou problema” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p.81).

Com base neste procedimento selecionado, temos o propósito de realizar um estudo investigativo no viés das práticas docentes realizadas em sala de aulas com alunos surdos, sobre uma perspectiva bilíngue Libras/Português.

## **Resultados e análise dos dados**

### **Processos metodológicos docentes**

O planejamento metodológico e didático remete a importância da prática pedagógica com características visuais, que orienta os fundamentos de ensino aprendizagem, destacam, Lacerda; Santos; Caetano (2013).

No nosso ponto de vista, a falta de planejamentos pedagógicos com recursos visuais; a falta e/ou pouco momentos de trocas de experiências e falta de debates pertinentes ao tema. A não utilização dessas práticas devem comprometer no desempenho do professor em sala de aula. Nesse viés, percebemos o fracasso do aluno surdo no aspecto de letramento. Sobre esse ponto metodológico. Vale ressaltar que os docentes citados são fictícios.

### **Relato metodologia de ensino**

[Professora Andresa] A minha metodologia é simples é mais material concreto.

[Pesquisador Vitorino] Como é esse material concreto?

Andresa: é assim com jogos, com leitura de imagens sabe... Assim o mais simples possível, é eu peço para ela [aluna surda] ler aqui nos meus lábios. Fazer a leitura labial.

[Pesquisador Vitorino] Ela [aluna surda] sabe fazer a leitura labial?

Ela [aluna surda] está começando, tudo iniciando, sabe! assim eu falo, aí ela [aluna surda] repete, mas eu não quero que ela se esforce muito, ela é muito esforçada, mas eu tento fazer assim, não sei se está certo, se está contribuindo com o aprendizado em tudo (Entrevista semiestruturada - 2016).

[Professor Leandro] Dependendo da aula, eu gosto muito de adotar a metodologia do concreto, trabalho muito como o concreto, enfim, com o material concreto. Eles aprendem mais rápidos (Entrevista semiestruturada - 2016).

[Professora Victória] Realizo sempre com ela [aluna surda] as mesmas atividades da sala regular com atividades relacionadas ao alfabeto, numerais, faço a leitura na língua brasileira comum, sigo com os sinais (Entrevista semiestruturada - 2016).

[Professora Evely] Geralmente, a gente traz uma atividade diferenciada para ela [aluna surda], sempre tem a figura e a palavrinha para ela escrever (Entrevista semiestruturada - 2016).

De acordo com os relatos dos professores, a metodologia não estava direcionada aos alunos surdos. A professora Victória, comentou que as suas atividades elaboradas não tinha distinção de aluno. É contraditório, porque observamos a docente fazendo uso do alfabeto manual, numerais, leitura oralizada, leitura labial e uso de sinais isolados para a aluna surda. A professora Evely, realizava atividades diferentes com figuras e palavras para a aluna surda escrever no quadro ou no caderno. Nesse foco, imaginamos que a atividade estava coerente com o contexto de material metodológico, porém a professora utilizava o recurso didático para tornar a atividade, aparentemente, fácil de ser compreendida e respondida. Tal maneira, analisa-se que a potencialidade da aluna surda foi ofuscada pela condição mínima de abstração do assunto lecionado.

Os professores Andresa e Leandro, sem hesitar, relataram que utilizava a Metodologia do Concreto, como processo metodológico de sala de aula, que sustenta no planejamento educacional, não somente para o público surdo, como também para os alunos ouvintes.

No momento da entrevista, perguntamos as professoras, o que seria o material do concreto? Vejam o que elas responderam:

[Pesquisador Vitorino] O que é material concreto?

[Professor Evely] Material concreto que eu falo é leitura de imagens. Eu uso figuras colando no caderno dela, passo algumas palavrinhas (Entrevista semiestruturada – 2016).

[Pesquisador Vitorino] O que é material concreto?

[Professor Leandro] Coloquei lá em cima da mesa, tesouras, lápis, levei o material dourado, dinheiro, tudo que for concreto. Letras móveis, [...] ele [aluno surdo] visualiza, não só ele [aluno surdo] como os outros [alunos ouvintes], quando ele [aluno surdo] visualiza, chama atenção, tudo que

chama atenção, ele [aluno surdo] presta atenção (Entrevista semiestruturada – 2016).

Com base no argumento dos autores, fomos remetidos a outra investigação, que os materiais didáticos aplicados pelos docentes podem ser atribuídos ao Método Intuitivo, utilizado no final do século XIX, em instituições de ensino brasileiro. Esse método foi utilizado como regra de procedimento no ensino da linguagem articulada, da comunicação através da escrita, oral, gestual ou por sinais, a todos os alunos no Imperial Instituto dos Meninos Surdos-Mudos naquele século, atesta, Souza (2014).

### **Processo de escrita e leitura**

Neste campo conflitante, de quem sabe ou não ler e escrever o português, é notório que haja uma discussão sobre qual língua deve atribuir aos alunos surdos. É uma luta diária na relação de poder, entre professores e alunos. Nessa arena de encontro e desencontro linguístico, quem acaba perdendo é a língua menos privilegiada, a Libras.

Isso implica, na contradição do surdo ser uma pessoa bilíngue no processo de aquisição de duas línguas. Antes de seguir as análises, surgem à seguinte inquietação: a qual língua o professor deve remeter diante da proposta do Bilinguismo?

Ao adentrar no contexto entre duas línguas, gostaríamos de fazer alusão ao Bilinguismo. Nos finais da década de 70, surgiu a abordagem do Bilinguismo. Dessa maneira, caracteriza-se o bilinguismo a aquisição da língua de sinais das crianças surdas no tempo apropriado, confirmam, Lacerda e Mantelatto (2000).

Baseado nisso, acredita-se que o surdo bilíngue utiliza de duas línguas. A pessoa surda considera a língua de sinais, como primeira língua, enquanto que a Língua Portuguesa, como segunda língua na modalidade escrita, sustenta, Vieira (2011).

Sendo assim, o surdo terá um desenvolvimento social, cognitivo, linguístico e educacional. Diante disso, permite-se entender que abordagem do bilinguismo possibilita o surdo uma metodologia adequada no âmbito educacional.

Sobre isso, os surdos devem ter direito assegurado no Decreto nº 5.626 de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, no capítulo VI, artigo 22, que

determina uma organização a respeito da escola. "I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental" Brasil (2005).

Para verificar, como está acontecendo o processo de escrita e leitura na escola, utilizamos a fala dos professores:

### **Relato escrita e leitura**

[Escrita da surda] A escrita dela é cópia. É difícil na escrita;

[Leitura da surda] Somente de imagens e Leitura labial (professora Andresa/Entrevista semiestruturada - 2016).

[Escrita do surdo] Precisa ver ele [aluno surdo] tá lá [sala de aula] até respondendo. Tá lá [em sala de aula] respondendo no livro dela porque ele [aluno surdo] não tem livro, aí coloquei junto com a coleguinha ele [aluno surdo] que tá com o lápis dela respondendo;

[Leitura do surdo] Falando mesmo. Ele [aluno surdo] tá bem, ele [aluno surdo] foi o primeiro que foi contar [aluno surdo] (professor Leandro/Entrevista semiestruturada - 2016).

[Escrita da surda] Ela não sabe escrever;

[Leitura da surda] - Ela não sabe ler. Faço a leitura com todos os alunos e vou fazendo os sinais (professora Victória/Entrevista semiestruturada - 2016).

[Escrita da surda] Ela não sabe escrever;

[Leitura da surda] Ela não saber ler (professora Evelly/Entrevista semiestruturada - 2016).

Analizamos os fragmentos dos professores em relação à escrita e as leituras dos alunos surdos, acontecem através da oralidade e o simples fato de copiar no caderno, extraindo do quadro branco e do livro emprestado pelo colega. E com isso, mostra que o aluno surdo não sabe escrever e ler na Língua Portuguesa.

Para as professoras, os alunos surdos apesar de não saberem escrever e ler, reproduzem as cópias nos cadernos, com a caligrafia razoável. Os professores falam também, que com exceção da prática de copiar, os alunos não conseguem desenvolver a escrita, muito menos a leitura na sala. Isso implica, que os surdos estão na sala somente para reproduzirem a escrita do professor copiada no quadro e do livro.

Por essas razões, acreditamos que as práticas discursivas dos alunos surdos são estigmatizadas pelos professores. É notório a preocupação apenas em cumprir o que determina a lei. Observa-se que os surdos não conseguem acompanhar as aulas que envolvem a Língua Portuguesa. Desse jeito, notamos um agravante dos alunos surdos estarem inseridos em sala de aula comum, que faz uso da oralização,

da datilologia e do mecanismo da leitura lábil, sem a contextualização do conteúdo para a produção escrita. A partir desse princípio, a relação do surdo com texto escrito, não se adequa ao sentido de interação e a construção do contexto, esclarece, Lodi (2005). Com isso, denotamos o embate entre os professores e alunos surdos nos aspectos das interfaces pedagógicas e contextos descontextualizados, afirma, Fernandes (2003).

### **Processo de alfabetização**

Nesse mesmo sentido, analisaremos como os alunos surdos estão desenvolvendo a alfabetização, na visão dos professores através das experiências relatadas.

### **Relato alfabetização**

[Professora Andresa] Está em processo (Entrevista semiestruturada - 2016).  
[Professor Leandro] Está em processo de alfabetização. Eu vejo que ele [aluno surdo] se interessa para aprender assim como os outros [alunos ouvintes]. Vejo que ele [aluno surdo] se interessa. Sim, quando ele [aluno surdo] chegou quase não falava era calado. A língua dele era mais enrolada (Entrevista semiestruturada - 2016).

[Professora Victória] Está em processo de alfabetização. Não tem resistência a aprendizagem. Acompanha com a dificuldade dela, mas ela acompanha. Eu não considero bom o rendimento, mas dentro da limitação. A cópia da atividade, ela acompanha o livro didático, as atividades do livro (Entrevista semiestruturada - 2016).

[Professora Evely] Ela copia tudo do quadro. Ela não sabe nada do Português. Não avança, não tem como avançar, vai avançar com uma palavra, vai avançar com uma sílaba, isso não é avanço! Eu não posso dá o mesmo nível que aqueles alunos [ouvintes] que ela [aluna surda] não vai acompanhar, ela não vai fazer nada (Entrevista semiestruturada - 2016).

Baseado nos depoimentos dos professores Andresa, Leandro e Victória, Constatamos que os alunos estão em processo de alfabetização, que apesar disso, os discentes realizam a prática da reprodução escrita copiada no quadro. A professora Evely, foi mais além, quando narra que o simples fato de copiar, não quer dizer que o aluno esteja em processo de alfabetização.

Percebe-se pela fala dos professores, que ainda estamos distantes em desenvolver um método que alcance uma aprendizagem significativa para alunos

surdos. E que se faz necessário uma qualificação do corpo docente no que se refere ao bilinguismo.

## **Processo de Avaliação dos surdos**

### **Observatório na sala de aula:**

A partir deste momento, analisamos que os conteúdos foram aplicados em atividades realizadas na sala com os alunos, como o fundamento da avaliação sob um viés de aprendizado. Para entender melhor esses aspectos, tomamos como base de sustentação, as observações das práticas dos professores em sala de aula comum, através de registros de diário de campo.

### **Observação 01**

[Professora Andresa]: chama atenção dos alunos, oralizando. [Aluna surda] fica sem entender o que está acontecendo na sala. [Andresa] passa uma atividade para os alunos na sala de aula e pede para que todos relatem sobre uma viagem. Andresa mostra o livro com três paisagens em forma de imagens. [A aluna surda] levanta o braço e pergunta apontando para a imagem do livro. [Andresa] ignora tal gesto. [O aluno ouvinte] relata um momento de viagem. [Andresa] só observa o aluno falar e não usa sinais [aluna surda]. A aluna surda realiza atividade de desenho e pintura passada por [Andresa], enquanto, os outros alunos ouvintes relatam suas histórias de viagens (Diário de campo, 01/09/2016).

Ao observar o fragmento do relato, percebemos, que deve ser angustiante para aluna surda participar da atividade pedagógica diferente dos demais alunos. Dessa forma, acreditamos que não potencializa seu aprendizado. É importante frisar, que para o docente administrar a sala de aula lotada de alunos, além de dá suporte com especificidade cognitiva, social e cultural, não deve ser tarefa fácil.

O professor tem a responsabilidade de mediar todas as atividades em sala de aula, entretanto, é notório que se torna complexo em sala de aula inclusiva, que envolve alunos ouvintes e surdos, perante as questões linguísticas diferenciadas.

Andresa, em relação à aluna surda realiza a comunicação, através de cada sinal a medida que fala, seja nos momentos de dá um recado e/ou ensinar um conteúdo. Observa-se também, que há uma incoerência a respeito do que está



falando e/ou sinalizando. Dessa maneira, foi percebido que por mais que a professora tente sinalizar e oralizar, simultaneamente, não conseguiu atingir o objetivo de ensinar o conteúdo.

De acordo com a atividade proposta em sala de aula, a professora solicitou aos alunos ouvintes que lessem e interpretassem e contassem uma história oralizada em relação às imagens supracitadas. Denotamos ainda, que a professora solicitou da aluna surda que faça essa mesma atividade em forma de desenho e pintura. Andresa, ao final da aula pediu para que os alunos ouvintes, assim que concluíssem a leitura das imagens, contarem suas histórias para a turma sobre o tema viagem.

A atividade denominada diferenciada pela professora, que por sua vez teve o propósito de fazer com que a aluna surda de alguma maneira participasse da aula. Diante disso, podemos analisar quando a professora pediu para que todos os alunos apresentassem a atividade, a aluna ainda não tinha concluído. A aluna concluiu sua atividade com atraso. O detalhe é que a professora solicitou que a aluna mostrasse o desenho para a turma, então, nesse momento, pensamos que a aluna pudesse se expressar por gestos, mímica ou sinal. Algo que não aconteceu em nenhum momento.

## **Observação 02**

[Professor Leandro]: passou uma atividade em sala no quadro das letras “C” e “H” usando as vogais no sentido de formar sílabas, CHA, CHE, CHI, CHO E CHU, posteriormente construir palavras. Professor chama [aluno surdo] e [aluno ouvinte] para realizar atividade em frente ao quadro. Aluno surdo oraliza e gesticula mostrando a imagem da chave que fica ao lado do quadro e associa a sílaba CHÁ, formando a palavra CHAVE. Aluno ouvinte demora a reconhecer, mas consegue associar (Diário de campo, 01/09/2016)

O professor Leandro, utilizou o método oralista o tempo todo na sua aula, enquanto o aluno surdo só observava. Pediu para que todos os alunos repetissem a sua fala. O docente procurou ficar na frente do aluno surdo para que reproduzisse a sua fala. Foi notado que o surdo conseguiu emitir sons, como também, atendeu os comandos do professor que ensinava na modalidade oral.

A atividade designada pelo professor, sobre o CH, que teve como proposta formar sílabas, posteriormente, palavras. Percebemos que o aluno surdo realizou a

atividade e assimilou os conteúdos das aulas. Na observação feita em sala de aula, notamos boa desenvoltura do aluno surdo, respondendo, sempre que foi solicitado. Na ocasião, denota-se que o aluno fica atento à boca do professor, na tentativa de entender a fala dele, realizando a leitura labial.

No momento da atividade em sala, o professor convidou dois alunos para participar da aula, então ele escolheu uma aluna ouvinte e o aluno surdo. Diante dos amigos de sala, visualizamos que o aluno surdo não teve vergonha de se expor oralizando, apesar da sua fala não ser audível. Antes de executar a atividade, o professor também pediu para os demais alunos se comportar quando o aluno surdo fosse falar, porque em aulas passadas já tinha sido explicado sobre a sonoridade diferenciada do surdo.

O aluno surdo, participou da aula a todo momento, respondendo as atividades propostas pelo professor. Observa-se, que o docente não fazia distinção da tarefa em relação ao surdo. O professor, comentou que o aluno surdo participa junto com os demais alunos ouvintes na sala.

O material didático utilizado na tarefa foi confeccionado com emborrachado em letras grandes maiúsculas e minúsculas coloridas. A professora expôs todas as letras no quadro branco prendendo a atenção dos alunos que disputavam a vez de participar da aula.

Diante dos materiais pedagógicos utilizados, destacamos a maneira como o professor apresentou a sua aula. Apesar do professor Leandro, somente utilizar a oratória, percebemos que o aluno surdo sentia-se motivado em aprender, havendo uma expectativa mútua de compreensão, diálogo e aprendizado. É notável, que o professor sabe algumas técnicas de como se portar diante do surdo que oraliza, tais como: toque leve quando quer chamar a sua atenção, acena com as mãos quando necessário, principalmente fala de forma articulada, de modo que o surdo compreenda.

O professor Leandro, preocupa-se com o surdo em sala de aula. Passava atividade no quadro, livro e caderno sem distinção de aluno. Também ao oralizar, procurava sempre chamar a atenção para os seus lábios mesmo que o aluno surdo estivesse distraído.

A maneira com que o professor Leandro organiza sua sala, parece ser ideal, mas de acordo com a fala do próprio professor, acredita que o aluno surdo, apesar

de ter um bom desempenho em suas aulas, necessita fazer um curso de Libras para aprender a sua língua natural, porque nota que o aluno surdo vem perdendo a audição. O relato do professor é pertinente, pois o aluno surdo pode utilizar de duas modalidades ao seu favor, o recurso da língua de sinais em experiência de convívio cultural, social, linguístico e a oralidade.

### **Observação 03**

[Professora Victória] apresenta a Parlenda “DOCE” que estava no cartaz colado no quadro para aluna surda e os demais alunos ouvintes. Ensina a turma o sinal da palavra doce. Pedi para todos os alunos que cantem e sinalizem a palavra “doce” todas as vezes que lessem e fossem encontradas na parlenda. A professora lia com os ouvintes enquanto, a aluna surda ficava somente observando os outros alunos (Diário de campo, 14/09/2016).

Analisando a observação da sala de aula, podemos notar que a professora utilizou na parlenda, recursos visuais no cartaz fixado no quadro, digitados em letras grandes de escrita bastão, a letra “D” do alfabeto manual, a figura com a imagem do sinal de “DOCE”.

Acredita-se que os recursos visuais para representação da parlenda de forma que a aluna surda e os ouvintes possam compreender o objetivo da aula. Em seguida, a professora entregou uma atividade para que os alunos acompanhassem a leitura, logo após em voz alta e que todos os alunos participaram, inclusive, a aluna surda. Solicitou que todas às vezes que aparecesse a palavra DOCE, os alunos fizessem o sinal ensinado pela professora.

Diante dessas observações, notamos que a professora realizava a mesma atividade para todos os alunos, também, faz uso de recursos visuais que podem ser satisfatórios para o aprendizado da aluna surda. Neste cenário, acreditamos que a professora e a aluna estreita a relação de socialização e a participação das aulas.

A rotina deve ser modificada, ao passo que a professora analise suas práticas pedagógicas, que muitas vezes não produz interesse motivacional para os alunos. Obviamente, que temos uma ordem sequencial em sala, a exemplo, frequência do aluno, exposição oral, reprodução da escrita, cópia de atividade, resposta e correção.

Quando a aluna surda não conseguiu realizar a tarefa sozinha, observamos que ela espera a professora corrigir na lousa, em seguida copiar as respostas

prontas para o caderno. Isso ocorre também, quando a exposição da correção da atividade é feita oralmente, a surda espera que a professora conclua a atividade com todos alunos ouvintes, em seguida a aluna surda solicita o caderno emprestado do colega para copiar.

#### **Observação 04**

[Professora Evely] utilizou o quadro branco para armar as contas das questões da Provinha Brasil [MEC] retirada do livro didático. Pediu para a aluna surda e alunos ouvintes que respondesse às contas de somar e multiplicar no caderno individualmente. Passa todas as informações oralizando sem o uso de nenhum sinal (Diário de campo, 06/09/2016).

Na observação em sala de aula da professora Evely, percebemos que a aula de Matemática, a docente escreveu uma atividade na lousa que envolve duas operações, a adição e a multiplicação. A partir deste momento, a professora pediu que os alunos copiassem em seus cadernos, inclusive, a aluna surda. Apesar da tarefa copiada pela aluna, a professora entrega uma atividade diferente.

O que podemos observar, foi que a professora realizou tarefas diferenciadas, inclusive com contexto de aula distinta entre os alunos. Outro detalhe, a professora sentou ao lado da aluna no momento da resolução da atividade. Com isso, remete uma ação paternalista que não permite a aluna surda conquistar sua independência.

O ato da aluna surda copiar tudo que se passa em sala de aula, pode fortalecer a ideia de que o aluno estar inserido no contexto educacional pela prática de copiar da lousa, livro para o caderno. O entendimento é que essa prática incute, sobre um aspecto fundamental de sobrevivência social e linguística da aluna surda, perante os alunos ouvintes de sala.

### **3 - CONSIDERAÇÕES**

Diante do exposto, alguns aspectos foram ressaltados: o desafio do professor para dar conta da pluralidade dos alunos de forma geral em sala de aula; a dúvida no tocante a língua a qual utilizar em sala; o desdobramento na tentativa de querer atender a todos os alunos como se utilizassem uma só língua. Enfim, são vários

elementos que emperram o desempenho das práticas pedagógicas realizadas pelo professor, diante da diversidade de alunos em sala de aula.

Os professores quando desconhecem a cultura do surdo, ou possuem um conhecimento mínimo de língua de sinais, têm dificuldades de planejar os processos educacionais bilíngues Libras/Português, sobre um olhar metodológico, letramento, alfabetização e avaliação. Então, entendemos o quanto essa língua de sinais, ainda é estigmatizada e considerada menos importante do que a Língua Portuguesa.

Diante dessas situações imbricadas no aspecto de ensino e aprendizagem do aluno surdo, constatamos que as práticas dos professores executadas em sala de aula, nos espaços observados nesse estudo, são voltadas às estratégias pedagógicas, essencialmente, oralistas.

Assim sendo, entendemos também, que os professores de sala de aula comum necessitam de apoio pedagógico e formação continuada, no sentido de minimizar as barreiras metodológicas que impedem os docentes de exercerem a profissão. Para isso, faz-se necessário o uso do Atendimento Educacional Especializado na sala de Recurso Multifuncional.

## Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. Acesso em: 28 nov. 2016.

FERNANDES, Sueli. **Educação bilíngüe para surdos: Identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003. Tese de Doutorado em Letras.

\_\_\_\_\_. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O intérprete de Língua Brasileira de Sinais (ILS)**. (In) LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Doziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (org). Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

LACERDA, C.B.F.; MANTELATTO, S.A.C. **As diferentes concepções de linguagem na prática fonoaudiológica junto a sujeitos surdos**. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe. São Paulo: Plexus, 2000. p. 21-41;

LACERDA, C.B.F; SANTOS, L.F. CAETANO, J. F., **Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos**. In: LACERDA, C.B.F; SANTOS, L.F. **Tenho um**

**aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação dos surdos.** São Carlos: Edufscar. 2013. 254p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LODI, Ana Claudia Balieiro. **Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos.** Educação e Pesquisa vol. 31, nº 3, 2005, p.409-424.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX.** Editora UFS, 2014.

TIRRIONI, A.M.S; PEREZ, G – **Implementando um Laboratório de Educação – Matemática para apoio de professores.** In: Lorenzato, Sérgio, Laboratório de Ensino de Matemática na sala de professores. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 57-76.

VIEIRA, Regina Cláudia. **Educação dos surdos: problematizando a questão bilíngue no contexto da escola inclusiva.** Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, 2011.